

PALATALIZAÇÃO DE /S/ EM NATAL E EM SÃO JOSÉ DE MIPIBU-RN

PALATALIZED PRODUCTION OF /S/ AT NATAL AND SÃO JOSÉ DE MIPIBU-RN

Gabriel Sales (UFRJ)¹

Priscila Sheila de Medeiros da Silva (UFPB)²

Carla Maria Cunha (UFRN)³

Thayná Cristina Ananias (UFRN)⁴

Resumo: Este artigo objetiva retomar e ampliar a análise da palatalização de /S/ na fala das cidades de Natal e de São José de Mipibu-RN. Partimos, fundamentalmente, dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) para análise dos dados de fala dessas comunidades, coletados em entrevistas sociolinguísticas realizadas em 2019. Os dados foram submetidos à análise de regressão logística com uso do pacote Rbrul (Johnson, 2009), executado no ambiente R (R core team, 2021). Os resultados do modelo estatístico indicam os fatores *segmento seguinte e faixa etária* como relevantes para explicação do processo. A análise sincrônica dos resultados possibilita a interpretação da palatalização de /S/ como um fenômeno de condicionamento mais linguístico do que social. Também se estabelece uma análise diacrônica decorrente da comparação dos dados coletados em 2019 e os registrados em Pessoa (1986, 1991). A comparação permite tanto observar a ampliação mais efetiva do condicionamento linguístico quanto ampliar, do ponto de vista sociocultural, o grupo dos informantes em relação ao *sexo*. Além disso, com base na conformação da escala de sonoridade de Clements e Hume (1995) e na hierarquia de complexidade de sons proposta por Anderson e Ewen (2009 [1987]), identificamos que a expansão dos contextos favorecedores da palatalização respeita um ordenamento crescente de sonoridade e de complexidade, permitindo um correlato com a aquisição da linguagem.

Palavras-chave: Palatalização de /S/; Sociolinguística; Mudança gradiente; Natal; São José de Mipibu.

Abstract: This paper aims to recapture and expand the analysis of the palatalization of /S/ in the speech of the cities of Natal and São José de Mipibu-RN. We considered, fundamentally, the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]) to analyze the speech data of these communities, collected in sociolinguistic interviews carried out in 2019. The data was submitted to logistic regression analysis using the Rbrul package (Johnson, 2009), executed in the R environment (R core team, 2021). The results of the statistical model indicate the factors *next segment* and *age group* as relevant to explain the process. The synchronic analysis of the results makes it possible to interpret the palatalization of /S/ as a more linguistic

¹ Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV/UFRJ). <https://orcid.org/0000-0001-9205-3334>. Email: gabriel-sales@outlook.com

² Mestre em Linguística e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (MPLE/UFPB). <https://orcid.org/0000-0001-5010-3831>. Email: priscilasheila17@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <https://orcid.org/0000-0001-9405-2992>. Email: cmcunha63@gmail.com

⁴ Mestre em Estudos da Linguagem pelo programa de pós-graduação de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). <https://orcid.org/0000-0001-6646-501X>. Email: thyncris@hotmail.com

than social conditioning phenomenon. A diachronic analysis is also established resulting from the comparison of data collected in 2019 and those recorded in Pessoa (1986, 1991). The comparison allows both to observe the most effective expansion of linguistic conditioning and to expand, from a sociocultural point of view, the group of informants in relation to *gender*. Furthermore, based on the sound scale conformation of Clements and Hume (1995) and the sound complexity hierarchy proposed by Anderson and Ewen (2009 [1987]), we identified that the expansion of contexts favoring palatalization respects a growing order both sound and complexity, allowing a correlation with language acquisition.

Keywords: /S/ palatalization; Sociolinguistics; Gradient change; Natal; São José de Mipibu.

Introdução

Mattoso Camara Jr. (2015 [1970]) descreve a neutralização das quatro sibilantes do português em posição de coda, apontando, inclusive, razões geográficas para a realização de alveolares⁵ e palatais. Conforme o autor, as variantes palatais marcam a fala do Rio de Janeiro e da maior parte do Brasil, bem como de certas regiões de Portugal. As alveolares, por sua vez, são representativas, exemplificando, da fala de São Paulo, de Paraná e do Rio Grande do Sul.

As especificidades da distribuição dialetal das produções de /S/ no Português Brasileiro (PB) têm sido descritas por diversos estudos sociolinguísticos, a exemplo de Scherre e Macedo (1991), Hora (1999), Macedo (2004) e Brescancini (2015) – relação não exaustiva –, que investigam o fenômeno, respectivamente, nas seguintes comunidades: Rio de Janeiro, João Pessoa, Recife e Florianópolis.

De modo geral, os resultados de estudos com essa perspectiva têm demonstrado a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos para a produção de variantes palatais na fala de comunidades em que elas estão presentes. Em algumas áreas, como Rio de Janeiro e Recife, a produção palatal é majoritária. Em outras, como João Pessoa, formas palatalizadas têm sua ocorrência restrita principalmente a determinados ambientes linguísticos. Esse parece ser também o caso do Rio Grande do Norte.

Neste estudo, pretendemos retomar e ampliar a análise da palatalização de /S/ na fala das cidades de Natal e de São José de Mipibu – município a 38,4 km de distância da capital do RN –, que compreendem parte da região metropolitana. A variação relacionada ao /S/ já foi investigada por Pessoa (1986, 1991), Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020) – os três primeiros trabalhos voltados para a fala natalense e o último com foco na fala mipibuense. Considerando os resultados de pesquisas anteriores, abordamos o fenômeno por método mais próximo do adotado em estudos de tempo real: comparamos a fala de uma mesma comunidade em diferentes momentos do tempo, mas com dados provenientes de falantes distintos. Este trabalho, contudo, não configura prototipicamente um estudo nem de tendência nem de painel⁶ (Labov, 1994), pois nossa referência de descrição de sincronia passada – os estudos de Pessoa (1986; 1991) – analisa dados de apenas uma faixa etária. Diante disso, estabelecemos comparações entre a produtividade geral da

⁵ Aplicamos a terminologia da Fonologia Clássica Estruturalista, para facilitar a descrição, ainda que tomemos como referência outras abordagens.

⁶ Estudos de painel analisam duas amostras dos mesmos informantes em momentos diferentes no tempo. A dificuldade envolvida no recontato, contudo, favorece a realização de estudos de tendência, em que dados de falantes diferentes são comparados. A realização de estudo de painel exige o recontato com um mesmo informante anos após uma primeira entrevista. Já o estudo de tendência envolve a realização de novas entrevistas com quaisquer informantes de uma mesma comunidade já investigada que atendam à estratificação da amostra (LABOV, 1994).

palatalização na comunidade, sem considerar sua distribuição por diferentes idades nas duas sincronias, dada a limitação dos dados disponíveis.

Além da perspectiva da teoria de variação e mudança, trazemos à discussão, em nossa análise, a correlação entre a gradação dos segmentos atingidos no processo de palatalização de /S/ e a ordenação dos primeiros sons adquiridos na fala das crianças, visto que tal processo, nas comunidades linguísticas focalizadas, antecede a produção de [t], [d], [n] ou [l] em *onset* da sílaba seguinte.

Em nossa análise, utilizamos os mesmos dados de Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020)⁷. Porém, apresentamos, neste artigo, atualização metodológica das análises anteriores. Os acréscimos em relação a essas publicações envolvem tratamento estatístico das hipóteses geradas a partir das conclusões explanatórias dos estudos já realizados e ampliação do número de informantes representativos da fala de Natal. Anteriormente, os dados passaram por análise qualitativa e/ou, ainda, por abordagem explanatória – análise fundamentada na frequência de ocorrência. Agora, além da análise qualitativa, as hipóteses foram testadas com submissão dos dados a teste de regressão logística, a partir do pacote Rbrul (Johnson, 2009), executado no programa R (R Core Team, 2021).

Este artigo está organizado da seguinte forma: iniciamos, na seção 1, com a retomada de pesquisas sobre o /S/ em algumas comunidades brasileiras; prosseguimos, na seção 2, focalizando o processo de palatalização em Natal e em São José de Mipibu; estabelecemos, na seção 3, a metodologia de coleta, para, na seção 4, analisarmos os dados de fala das duas comunidades e interpretarmos os resultados, que nos possibilita, na seção 5, cogitar correspondências entre os fones que são gatilhos do processo e a gradação dos fones na aquisição da língua. Por fim, na seção 6, resumizamos as conclusões do trabalho.

1 Retomada de estudos sobre o /S/ em capitais brasileiras

Hora (1999) realiza um panorama sobre a variação do /S/ no PB, com base nos resultados das pesquisas de Callou e Moraes (1995) – referentes a registros de fala de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife; de Brandão (1998) – focalizando registros no Rio de Janeiro; e de Motta e Rollemberg (1994) – em Salvador. Hora também apresenta resultados de sua pesquisa, realizada com dados da Paraíba.

Os registros de fala pesquisados manifestam produções alveolares e palatais. A diferenciação está na forma predominante em cada localidade e no condicionamento, ou não, do ambiente subsequente, que possibilita o envolvimento de traço(s) articulatorio(s) da consoante em *onset* da sílaba seguinte.

Callou e Moraes (1995), para as comunidades de fala de São Paulo e de Porto Alegre, estabelecem o predomínio da realização alveolar, enquanto para as do Rio de Janeiro e do Recife, a preponderância da forma palatal. Salvador, por sua vez, revela um equilíbrio entre as realizações alveolares e palatais. Os autores observam, ainda, que, nas capitais, a palatalização é produtiva em coda de sílaba medial de palavra. Já para a região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, Brandão (1998) constata tendência ao predomínio da produção alveolar.

Motta e Rollemberg (1994), ao analisarem a variação em foco em Salvador, põem em evidência a consoante dental desvozeada, /t/, em *onset* da sílaba seguinte, como promotora da produção da variante palatal em coda, [ʃ]. O envolvimento do traço [-voz] da consoante em *onset* seguinte fica mais evidente na comparação com a produção alveolar, [z], que é mais produtiva diante da consoante vozeada, também alveolar, /d/. Além dessa questão dos segmentos mais

⁷ Corpora resultantes de projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e registrado sob CAAE 04054818.9.0000.5537.

implicados no processo, as autoras explicitam a palatalização, tanto para a capital baiana quanto para outras áreas do Nordeste brasileiro, decorrente de processo dissimilatório⁸.

Hora (1999) constata, como característica do /S/ na fala paraibana, a produção palatalizada no contexto seguinte específico – ainda que analise, separadamente, as produções desvozeadas e vozeadas: o de consoante /t/ e /d/, respectivamente. Ao comparar o resultado da Paraíba com o de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador (Callou e Moraes, 1995), verifica-se que prepondera, no geral, a palatalização independente do contexto seguinte em relação às capitais. Lembrando que, em Porto Alegre e São Paulo, o uso prevalecente é das alveolares, mas, segundo Hora (1999), nos casos de palatalização, um contexto seguinte particular não estaria envolvido. A peculiaridade mencionada por Hora entre os falares da Paraíba e de Salvador (Motta e Rollemberg, 1994) é que, no primeiro, a palatalização é produtiva diante de /t/ e /d/, enquanto em Salvador, é produtiva apenas diante de /t/.

A partir do conjunto das interpretações trazidas à discussão por Hora (1999), podemos considerar que os segmentos inicialmente promotores da palatalização em foco são alveolares, mas, se a análise se limitasse apenas a esse traço, incluiria outros segmentos da língua. Então, é necessário trazer à análise o fato de ser um segmento oclusivo o promotor da palatalização, selecionando, assim, além do ponto, o modo de articulação do grupo de consoantes inicialmente condicionante do processo. Ou seja, é possível considerar que o grupo das oclusivas, dentre outros modos, é mais atrativo para o engatilhamento do processo.

Evidenciamos, para o que queremos sustentar em nossa análise (cf. seção 4), que a panorâmica sobre as produções alveolares e palatais em regiões brasileiras registra o processo de palatalização de /S/ tendo, no início de sua aplicação, a vizinhança direta com consoante do grupo das desvozeadas (Hora, 1999). O alargamento do processo vai se efetivando, ao atingir consoante vozeada de mesmo modo e, subsequentemente, consoantes alveolares de outros modos.

Macedo (2004), ao investigar o /S/ em coda em Recife, toma a realização palatal como característica do falar dessa comunidade (76%). A análise dessa autora, a partir do corpus do NURC-Recife, confirma os resultados da pesquisa de Callou e Moraes (1996), que registrou 69.5% de ocorrências palatais. Quanto às variáveis linguísticas e socioculturais, Macedo (2004) elenca, em ordem decrescente, as variáveis *sexo*, *contexto fonológico seguinte*, *traço sonoro do segmento seguinte*, *faixa etária* e *posição da sílaba* como estatisticamente relevantes para a palatalização. Destacamos, dentre essas, as duas variáveis mais relevantes na pesquisa de Macedo. No que se refere à variável sociocultural *sexo*, confirma-se a hipótese de que mulheres produzem mais formas palatalizadas, considerando se tratar de uma variável de prestígio na comunidade (Trudgill, 1983; Monteiro, 2000; Macedo, 2004; Brescancini, 2015). Quanto à variável linguística, entende que o contexto fonológico seguinte não é determinante para a promoção das palatalizadas. No entanto, ao comparar ambientes seguintes diversos, menciona que o configurado por segmento coronal é o mais favorecedor.

Brescancini (2015), ao tratar do /S/ em Florianópolis, contextualiza as regiões de Florianópolis, de Ribeirão da Ilha e de Barra da Lagoa como de fala palatalizante, por influência da origem portuguesa. Na perspectiva inicial, acreditava que o uso das alveolares decorria do contato dos nativos com indivíduos – turistas ou novos moradores – vindos de outras regiões cuja variante padrão é a alveolar. Esse fato foi confirmado apenas em relação aos falantes adultos (41 a 60 anos) do distrito sede de Florianópolis, região que manifestou, no geral, maior perda da produção palatalizada em comparação aos distritos interioranos delimitados.

O estudo de Brescancini (2015) se mostra relevante por confirmar, de forma categórica, o gênero feminino como mantenedor e propagador das produções palatalizadas em coda. Esse

⁸ Embora Motta e Rollemberg (1994) assumam – segundo Hora (1999) – o envolvimento do processo dissimilatório na palatalização de /S/, sua aplicação não teria efeito, visto que as autoras interpretam [s] como alveolar e [t] como dental, ou seja, já seriam distintos.

resultado é independente, inclusive, de correlação com outras variáveis socioculturais, como *faixa etária*, *grau de escolaridade*, *profissão* e *localidade*. Brescancini (2015) registra a fala da mulher como propagadora desse uso considerando que, comumente, é a pessoa mais próxima da criança na fase de aquisição da linguagem, então, seu registro de fala se torna um modelo.

A fala dos homens, nos três distritos, mostra diferenças de uso, inclusive condicionado a variáveis socioculturais. Dentre os três municípios, os homens do distrito sede (Florianópolis) são os que mais realizam as produções alveolares, tendo em vista o contato maior e mais prolongado com indivíduos de outras regiões. Em oposição ao que ocorre no distrito sede, em Barra da Lagoa – distrito cujo contato com indivíduos de outras áreas foi mais tardio e menos intenso –, os homens produzem mais formas palatalizadas. A palatalização, na correlação entre *faixa etária* e *gênero masculino*, mostra-se neutra no cômputo geral. O trabalho de Brescancini (2015) confirma que a fala das mulheres encabeça o uso mais frequente das palatais.

Scherre e Macedo (1991) investigam as produções do /S/ em coda na cidade do Rio de Janeiro e fazem um paralelo com as ocorrências de Cordeiro (Gryner e Macedo, 1981), cidade próxima da fronteira com Minas Gerais. Comparando a relação entre *grau de escolaridade* e palatalização, os resultados dos trabalhos permitem constatar que a forma palatalizada é mais produtiva na fala de pessoas menos escolarizadas no município do Rio de Janeiro. Já em Cordeiro, região centro norte do Estado do Rio, os mais escolarizados são os que palatalizam mais. Por sua vez, o estudo de Brescancini (2015) revela que, nas cidades de Florianópolis e Ribeirão (os dois distritos mais visitados por indivíduos de fala não palatalizante), os mais escolarizados palatalizam mais, enquanto em Barra da Lagoa (distrito mais distante e menos influenciado pela fala externa), manifesta-se neutralidade. Dos resultados dessas pesquisas, que abrangem ou regiões do mesmo estado, RJ, ou distritos do mesmo município, Florianópolis, confirmamos que, a depender da comunidade, a mesma variável, em relação a um mesmo objeto, manifesta resultados diferentes quer as comunidades pertençam a um mesmo estado, quer pertençam a localidades de um mesmo município.

2 Retomada de estudos sobre o /S/ em Natal e São José de Mipibu

Nesta seção, apresentaremos os resultados referentes às localidades focalizadas nesta pesquisa. Em Natal, resgatamos os trabalhos de Pessoa (1986, 1991) e de Cunha e Silva (2019); em São José de Mipibu, o trabalho de Cunha e Sales (2020).

2.1 Pessoa (1986, 1991)

Pessoa (1986) pesquisou as formas fonéticas do arquifonema fricativo alveolar desvozeado, /S/, analisando a fala de quatro jovens mulheres natalenses, duas semialfabetizadas (identificadas como G. e C.) e duas universitárias (identificadas como A. e T.). À época, Pessoa (1986) concluiu que a palatalização era mais produtiva nos registros de fala das mulheres menos escolarizadas. Conforme suas notificações, as produções palatalizadas [ʃ, ʒ] ocorriam tanto em coda silábica intrapalavra diante de /t, d/ (66%) quanto em coda silábica interpalavras diante de /t, d/ (46%) e de /n, l/ (14%), a exemplo de: ['fɛʃta], ['deʒɔdi]; ['elɪʃ tra 'baʎa], ['toduʒ dojs], [dojʒ 'litu], [da 'keliʒ 'nuklews]⁹.

Aparentemente, a palatalização mencionada diante de tais consoantes revela um estágio já avançado na distribuição dos segmentos condicionantes, no sentido de que são representantes de

⁹ Os registros foram transcritos conforme apresentados pela autora. Embora mencione a palatalização interpalavras, que levaria ao entendimento da criação de vocábulos fonológicos, as palavras são registradas, na maioria dos exemplos, mantendo-se a separação e o acento.

grupos diversos – oclusivo, nasal e lateral. No entanto, os percentuais apresentados pela autora indicam que, efetivamente, a produtividade da palatalização constitui-se diante das oclusivas. Pessoa (1986) não determina, explicitamente, se haveria, entre as oclusivas, uma tendência a produzir palatalizadas mais diante de desvozeada ou de vozeada. Quanto à possibilidade da nasal e da lateral promoverem produção palatalizada, da mesma forma, não há nitidez sobre a preponderância de uma em comparação com a outra, visto que a referência feita considera o percentual em conjunto.

Em conformidade com a distribuição apresentada por Pessoa (1986), que apresenta um comparativo de cada informante com suas respectivas realizações fonéticas de /S/, é possível estabelecer considerações do ponto de vista linguístico e do ponto de vista sociocultural. Na perspectiva linguística, a palatalização parece se mostrar mais favorecida na vizinhança de oclusiva vozeada¹⁰, considerando que se destaca, nos registros de fala das quatro mulheres, a variante palatalizada [+voz], mesmo que manifeste flutuação com [z] e [h]¹¹. Em segundo plano, encontra-se a oclusiva desvozeada, visto que, das quatro falantes, duas produzem, em variação, [s] e [ʃ], e uma só produz a palatalizada. Na terceira posição dos segmentos condicionantes, está [j], diante do qual duas falantes apresentam variação entre [z], [ʒ] e [h]. Por fim, o [n], pois, dentre as quatro falantes, apenas uma realizou a forma palatalizada, variando com [z] e [h]. Entre os ambientes interpalavras e intrapalavra, optamos por focalizar o contexto interpalavras, visto haver produção de palatais envolvendo as quatro consoantes no contexto seguinte (/t/, /d/, /n/ e /l/), enquanto, no contexto intrapalavra, só há registro diante de /t/ e /d/.

Ressaltamos que o ranqueamento citado entre fones promotores da palatalização de /S/ considera apenas a presença de [j] e [ʒ] nos registros correlacionados a cada informante, independentemente da quantidade. A dúvida decorrente desses resultados é se a palatalização diante /n/ prevalece em relação à diante de /l/. Com o acesso a Pessoa (1991), há uma resolução, pois a autora explicita os percentuais de palatalização diante de cada consoante, 11% diante de /n/ e 13% diante de /l/. Contudo, em termos absolutos, /n/ se apresenta em 27 dados e /l/, em 15. Considerando que o total de dados de /n/ corresponde a quase o dobro do total de dados de /l/, a palatalização motivada pela presença de /n/ está à frente da que ocorre diante de /l/. Mesmo assim, persiste a dúvida sobre se haveria mudança no ranqueamento, caso houvesse equivalência no quantitativo de dados¹².

Na perspectiva sociocultural, a descrição apresentada em Pessoa (1986) leva ao entendimento de que a palatalização é mais produtiva na fala de indivíduos menos escolarizados, uma vez que as duas informantes semialfabetizadas realizaram de forma absoluta as palatalizadas em ambiente intrapalavra e uma delas, também de forma absoluta, em ambiente interpalavras. Em certo ponto de seu artigo, Pessoa (1986) declara não ser possível concluir a efetividade da variável escolaridade para o processo de palatalização. Entretanto, a análise da distribuição respaldada nas produções fonéticas de cada informante leva a cogitar que as falantes menos escolarizadas, à época, palatalizavam mais em comparação com as universitárias. Isso é reforçado pela observação das ocorrências de formas absolutas, tendo, em um extremo, uma universitária só realizando os fones alveolares e, no outro extremo, uma semialfabetizada produzindo apenas fones palatalizados, em ambiente interpalavras.

¹⁰ Essa interpretação diz respeito apenas à análise de presença *versus* ausência de formas palatalizadas na fala das informantes. Em trabalho de 1991, Pessoa explicita que, percentualmente, a palatalização é predominante diante de oclusiva desvozeada tanto intra quanto interpalavras, independentemente da produção categoricamente alveolar da informante universitária A., registrada em 1986.

¹¹ O registro [h] feito pela autora leva ao entendimento, hoje, de uma glotal desvozeada. No entanto, dado o ambiente e a relação fonética estabelecida, a expectativa é pela produção da glotal vozeada.

¹² Mais adiante, argumentaremos em favor da maior produtividade de /n/ nos resultados estatísticos e percentuais de 2019 (cf. seção 4).

Desse modo, acreditamos que o caráter sociocultural de escolaridade permite considerar sua influência no processo focalizado, sendo a fala das universitárias conservadora e a das semialfabetizadas inovadora. Esse é também o posicionamento de Pessoa (1991), para quem a preservação de formas alveolares na fala das informantes mais escolarizadas reflete a correção escolar em favor da produção alveolar do grafema *s* e uma atitude dialetal diferenciadora do padrão de /S/, por exemplo, do Rio de Janeiro, marcado pelo uso de palatais. Em contrapartida, Pessoa (1991) argumenta que as informantes semialfabetizadas são menos atentas a essa distinção dialetal, além de serem menos afetadas pelo caráter conservador do ensino escolar. Sendo assim, justifica-se o aparente estágio mais avançado de aplicação do processo na fala dessas informantes.

2.2 Cunha e Silva (2019)

Cunha e Silva (2019) descrevem o fenômeno da palatalização no registro de fala natalense, por meio de abordagem qualitativa dos dados de fala de três indivíduos, nascidos e criados em Natal, com nível de escolaridade superior e integrantes de um mesmo núcleo familiar. Dois deles são homens, de 20 e de 50 anos, e a terceira é uma mulher de 49 anos de idade. Em análise fundamentada na Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995), as autoras delimitam as formas variantes do /S/, que se apresentam na fala dos informantes, e descrevem as motivações para essa variação.

A análise dos dados arrolados por meio de narrativas e de oralizações, realizadas pelos participantes em entrevistas, permite que as autoras delimitem a presença das consoantes oclusivas [t] e [d], em ambiente seguinte ao /S/, como contexto fonético mais favorecedor à realização das variantes palatais [ʃ] e [ʒ]. Esse entendimento toma por base a categoricidade das realizações palatalizadas diante das oclusivas. Antecedente à nasal [n], de um modo geral, ora se produz alveolar [z] ora se produz a palatalizada [ʒ]. O informante mais jovem é quem efetivamente produz palatalizada em coda, frente ao [n] em *onset*— ocorrência obtida na produção da palavra [aʒ'nera] em dois registros oralizados de uma lista de palavras—, enquanto os informantes mais velhos não manifestam essa possibilidade. Por isso, entende-se que a palatalização de /S/ é flutuante diante de [n] e categórica diante de [t] e [d].

As autoras justificam que a palatalização na fala de Natal seguiu a tendência do processo que se manifesta em outras capitais do Brasil, segundo a qual o contexto mais favorecedor à ocorrência da palatalizada é precedente à coronal desvozeada [t] (cf. Mota, 1994, p. 235). Na região, verifica-se sua extensão a outros contextos, como em vizinhança da correspondente vozeada [d], já categórica, e diante de [n], com baixa produtividade. De tal forma, a palatalização de /S/ parece estar gradativamente incluindo segmentos constituintes de grupos diversos da escala de sonoridade. Sendo assim, a direção do processo foi iniciada com segmentos com grau de sonoridade menor, atingindo posteriormente os de grau de sonoridade maior¹³.

Para explicitar o processo de palatalização, Cunha e Silva (2019) apontam as convergências fonéticas das representações arbóreas das consoantes [t], [d], [n], [s], [z], [ʃ], e [ʒ] envolvidas na palatalização de /S/. As autoras observam que todos os fones delimitados são coronais e, excetuando [n], todos apresentam a configuração do nó Raiz [-soante] [-aproximante] [-vocoide]. A nasal [n], por sua vez, tem no nó Raiz os traços [+soante] [-aproximante] e [-vocoide]. Sendo assim, considerando a palatalização na fala natalense, observa-se, de uma forma geral, que o processo envolve segmentos com característica mais consonantal.

¹³ Grosso modo, as formulações de escalas de sonoridade difundidas apresentam os seguintes agrupamentos: obstruintes (grau 0), nasais (grau 1), líquidas (grau 2) e vocóides (grau 3), a exemplo da escala de sonoridade de Clements e Hume (1995).

A palatalização de /S/ é analisada pelas autoras como uma dissimilação promovida pelo Princípio de Contorno Obrigatório (OCP), que determina a evitação de segmentos com traços idênticos adjacentes. Na fala natalense, procura-se evitar a sequência de segmentos com mesmo traço [coronal]. Então são ativadas as especificações¹⁴ [-anterior] [+distribuído], havendo, assim, produção de consoante palatalizada em coda.

2.3 Cunha e Sales (2020)

O estudo de Cunha e Sales (2020) descreve a palatalização de /S/ na cidade de São José de Mipibu, parte da região metropolitana de Natal. O corpus analisado é composto por 439 dados obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas realizadas com quatro informantes, dois homens e duas mulheres, subgrupados de acordo com *faixa etária* (18-23 e 47-55 anos) e *escolaridade* (ensino básico e superior).

A análise delineada pelos autores aponta o *contexto fonológico seguinte* como principal condicionador da palatalização de /S/ na comunidade focalizada. Diante das consoantes /t/ e /d/, por exemplo, a produção palatalizada da fricativa é categórica na fala de todos os informantes – resultado que converge com os de Cunha e Silva (2019) para a fala de Natal.

Além disso, o corpus apresenta registros de palatalização de sibilante diante de nasal coronal na fala de todos os entrevistados. Nesse contexto, é registrada variação entre formas alveolar e palatalizada, embora haja predominância de [ʒ]. Nesse aspecto, os resultados de Cunha e Sales (2020) contrastam com os de Cunha e Silva (2019), uma vez que, em Natal, a palatalização diante de /n/ parece ser ainda incipiente, por ser restrita à fala de apenas um informante dentre os três entrevistados. Logo, é uma constatação ainda bem limitada, considerando o grupo de pessoas gravadas.

Cunha e Sales (2020) apontam, ainda, uma possível expansão dos contextos favorecedores da palatalização, que passa a incluir a consoante /l/. Entretanto, a palatalização nesse contexto é registrada na fala de somente um informante – o mais jovem, de sexo masculino e com ensino superior – e em um único dado, [deʒli'za], o que pode indicar o estágio inicial do engatilhamento do processo por consoante líquida.

O compartilhamento do traço de articulação [coronal] entre o alvo e os gatilhos do processo leva os autores, assim como Cunha e Silva (2019), a interpretarem a palatalização de /S/ na comunidade investigada como resultado de dissimilação de sequência de alveolares, uma em coda e outra em *onset*, motivada pelo OCP.

Já socioculturalmente, é levantada a hipótese de que a variável *sexo* seja relevante para explicar a expansão da aplicação do processo para contextos inovadores, como diante de consoante líquida. Tal hipótese é fundamentada no fato de apenas o informante do sexo masculino apresentar dado em que há palatalização de /S/ seguido de /l/. Porém, os autores sugerem a ampliação do corpus com dados de sequência /S/ + /l/ para confirmação dessa hipótese.

3 Metodologia

¹⁴ As autoras realizam um ajuste na representação arbórea das coronais, delimitada por Clements e Hume (1995), atribuindo as especificações monovalentes [-anterior] [+distribuído] ao traço [coronal] apenas para representação das palatais – diferentemente dos autores, que apresentavam essas especificações de forma binária. Tal ajuste é justificado por promover a simplificação e a melhor visualização do processo dissimilatório observado, ao evitar espraamentos e desligamentos de traços.

Os corpora analisados para este trabalho decorrem das pesquisas de campo realizadas em 2019 nas comunidades de Natal e de São José de Mipibu. Os dados de fala são tratados nas perspectivas qualitativa e quantitativa. Os dados referentes a Natal, envolvidos na análise quantitativa, são apenas os obtidos na ampliação do corpus – coleta realizada após a publicação de Cunha e Silva (2019). No segundo momento de coleta, também foram elaborados novos instrumentos de pesquisa, sendo, então, mais direcionados para os possíveis contextos promotores da palatalização. A ampliação do corpus de fala de Natal contou com a gravação de mais seis indivíduos em 2019. Foram considerados como requisitos para a seleção dos informantes a naturalidade natalense e residência no município por, pelos menos, dois terços da vida. Todos os informantes apresentavam nível superior concluído ou em andamento à época. Quanto à faixa etária, foram divididos em três grupos: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos e acima de 50 anos. Na composição de cada grupo, há um homem e uma mulher. Sendo assim, são contempladas as variáveis sociais *sexo* e *idade*.

As gravações resultaram da aplicação de três instrumentos: o jogo palavra secreta, a narrativa controlada e o relato de opinião. Palavra secreta é um jogo com dois participantes (P1 e P2), em que P1 (pesquisador) tem uma palavra secreta e é incumbido de fazer P2 (informante) adivinhar essa palavra por meio de dicas. Tais dicas são palavras com radicais diferentes do da palavra secreta. A cada dica de P1, P2 deve dar uma resposta, até que se chegue à palavra secreta. A intenção de utilizar este jogo na pesquisa foi coletar registros de vocábulos isolados – que contemplassem ambientes diversos em que o /S/ estivesse em coda – e promover um menor nível de monitoramento por parte do informante, já que ele estaria envolvido com a dinâmica do jogo.

Para a narrativa controlada, eram entregues aos informantes três listas de palavras, dentre as quais eles poderiam escolher uma para criar uma breve história com as palavras da lista escolhida. A solicitação da narrativa controlada objetivava conseguir palavras que apresentassem ambientes linguísticos propícios ou não à palatalização.

O último instrumento utilizado para a coleta de dados foi o relato de opinião. Nessa etapa, era feita a seguinte incitação ao informante: *Você acha a fala dos natalenses diferente da fala de outras regiões do país? Aponte algumas diferenças.* As respostas geraram dados de fala também espontânea. No total foram coletados 438 dados do /S/ em coda silábica. Desses, 178 resultaram do jogo, 101 da narrativa controlada e 159 do relato de opinião.

Os dados referentes à cidade de São José de Mipibu já foram qualitativamente analisados por Cunha e Sales (2020). A pesquisa contou com a participação de 4 pessoas, dois homens e duas mulheres, constituindo pares de indivíduos: os mais jovens, de 18 a 23 anos, com ensino superior, e os mais velhos, de 47 a 55 anos, com ensino básico.

Os instrumentos aplicados na coleta de dados foram narrativa controlada e questionário fonético-fonológico (QFF). Para a produção da narrativa, foram lançadas questões sobre a cidade, a infância e contos locais, ficando os informantes à vontade para desenvolvê-las conforme quisessem. Quanto ao QFF, foram selecionadas 34 palavras, que o informante deveria produzir por meio de pistas dadas pelo pesquisador (um jogo de adivinhação), a exemplo de “período de descanso do trabalho e da escola”, que levaria à produção esperada de “férias”.

Com respeito às duas comunidades de fala, os dados selecionados contemplaram contextos de palatalização e de não palatalização de /S/. Os dados foram transcritos foneticamente de oitiva e alguns, ainda, passaram por análise acústica no *software Praat*, com o objetivo de se certificar dos registros fonéticos já obtidos.

Para esta publicação, 898 dados agrupados por localidade – Natal¹⁵ e São José de Mipibu – foram submetidos a modelos de regressão logística no *software Rbrul*¹⁶ (Johnson, 2009), a fim de

¹⁵ Os dados referentes a Natal que estão envolvidos na análise quantitativa dizem respeito à parte da ampliação do corpus de fala natalense, ainda constituinte do projeto aprovado pelo CEP (CAAE 04054818.9.0000.5537).

¹⁶ As vantagens da aplicação desse software de pesquisa quantitativa podem ser vistas em Gomes (2016).

identificar as variáveis favorecedoras ou não favorecedoras do processo. Os mesmos dados passaram por análise qualitativa, que permitiu o tratamento em conjunto dos registros de fala das duas comunidades. As interpretações foram assumidas considerando a Geometria de Traços (Clements e Hume, 1995) e a Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]).

4 Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos, primeiro, nossos resultados - coletados em 2019 - de Natal e de São José de Mipibu, cuja perspectiva de análise é de tempo aparente. Em seguida, a partir dos trabalhos de Pessoa (1986, 1991), realizados em Natal, torna-se possível um tratamento de natureza diacrônica considerando as duas sincronias – os recortes de Natal em 1986 e de Natal e São José de Mipibu (Grande Natal) em 2019.

4.1 Natal e São José de Mipibu – Grande Natal (2019)

Nesta seção, apresentaremos as análises quantitativa e qualitativa dos dados de /S/ em Natal e São José de Mipibu. Os dados coletados foram submetidos a um teste de regressão logística, que tomou as realizações de /S/ como variáveis dependentes e as variantes palatais do arquifonema como valor de aplicação. As variáveis independentes testadas foram *acento*, *segmento seguinte a /S/*, *segmento anterior à fricativa*, *status morfológico de /S/* e *tipo de ambiente* (se de juntura ou interno à própria palavra). Foram testadas, ainda, as variáveis socioculturais *sexo* (feminino e masculino), *faixa etária* (de 18 a 40 anos e acima de 40¹⁷), *localidade* (Natal e São José de Mipibu) e *entrevistado*.

Todas as variáveis foram tratadas como de efeitos fixos, com exceção de *entrevistado*, que foi codificada como de efeito aleatório. Para uniformização dos dados das duas comunidades, a variável *escolaridade* não foi incluída no modelo, pois a coleta de dados de Natal envolveu apenas falantes de nível superior. Além disso, embora os dados de São José de Mipibu apresentem estratificação por escolaridade, considerar tal variável resultaria em multicolinearidade¹⁸, pois sua distribuição entre os informantes é idêntica à da variável *idade*.

Os testes de regressão foram realizados com o pacote *Rbrul*, ambientado no *software* R. Foi utilizado o sistema de regressão bidirecional, isto é, *step-up* e *step-down*. O resultado das rodadas no *Rbrul* determina a melhor dentre elas, ou seja, indica a que melhor explica a variação da variável dependente, tendo em vista as variáveis independentes selecionadas. O modelo gerado pelo programa incluiu como relevantes as variáveis *segmento seguinte* e *idade*. As demais variáveis testadas, portanto, não demonstraram relevância para explicação do fenômeno, inclusive *localidade*.

Inicialmente, analisaremos a variável *segmento seguinte*, cujos resultados são detalhados na Tabela 1.

¹⁷ Para efeito de análise, as três divisões de faixas etárias dos falantes de Natal foram reduzidas a duas para conformação com as faixas etárias dos falantes de São José de Mipibu.

¹⁸ Condição de linearidade entre duas variáveis (Rodrigues, 1970). Pelo viés dessa condição, o programa não consegue distinguir uma variável da outra, já que veiculam informações distribuídas de modo idêntico ou muito aproximado, ainda que se refiram a variáveis distintas.

Tabela 1: Resultados da variável segmento seguinte a /S/ nas duas comunidades

Segmento seguinte	<i>Tokens</i>	Índice de palatalização	<i>Loggods</i>	Peso relativo
/t/	196	99%	21.532	>0.999
/d/	48	95.8%	19.999	>0.999
/n/	48	66.7%	17.340	>0.999
/l/	41	2.4%	12.606	>0.999
$p = 7.38e-206$, log likelihood = -50.597, AICc = 133.812, R2 = 0.982				

Fonte: Elaboração própria (2023).

Na Tabela 1, apenas os sons favorecedores da palatalização, /t, d, n, l/, são elencados, dada a grande quantidade de níveis dessa variável. Esclarecemos que todos os segmentos não coronais apresentaram peso relativo inferior a 0.002, valor bastante desfavorecedor. Tal resultado corrobora as interpretações de Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020) de que o processo de palatalização de /S/ em Natal e em São José de Mipibu decorre da aplicação de OCP, que, nesse caso, evita a sequência de consoantes coronais, estando uma em coda, /S/, e a outra em *onset*, sendo elas /t, d, n, l/.

Interpretamos, assim, que a sequência fonológica de consoantes com traço [coronal] /S/ + /t, d, n, l/ desencadeia a ativação das especificações de [coronal] da consoante em coda, diferenciando foneticamente seu ponto de articulação do ponto do segmento em *onset*.

O processo dissimilatório, entretanto, parece não atingir, de maneira uniforme, os segmentos favorecedores. Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020) já indicam uma gradação da aplicação do processo, ao mencionarem que primeiramente envolve os segmentos com grau 0 na escala de sonoridade, estendendo-se, na sequência, para os segmentos com características menos consonantais, alocados na escala com os graus 1 e 2.

É relevante salientar que, embora os pesos relativos apresentados na Tabela 1 não explicitem a hierarquização de favorecimento entre as consoantes coronais, essa aparente uniformidade decorre do limite de dígitos apresentados, pois a diferença só é visível a partir do 6º dígito¹⁹. A coluna de *loggods*, porém, deixa bastante evidente a gradação de favorecimento mencionada por Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020). Conforme Levshina (2015), *loggods* são coeficientes estatísticos centralizados em zero que podem variar de $-\infty$ a $+\infty$, enquanto o peso relativo é convencionalmente centralizado em 0.5 e varia de 0 a 1. Desse modo, valores acima de zero para *loggods* são interpretados como favorecedores do fenômeno em análise. Valores abaixo de zero, por outro lado, são interpretados como desfavorecedores. Além disso, esse coeficiente também expressa o tamanho do efeito, ou seja, quanto mais alto o valor maior é o favorecimento.

A interpretação dos *loggods* na Tabela 1, portanto, permite visualizar a gradação de favorecimento da palatalização no grupo de gatilhos da dissimilação: o processo é mais produtivo no contexto de /S/ + obstruintes coronais – segmentos com coeficientes mais altos e índice de palatalização quase categórico –, seguido do contexto /S/ + /n/ – coeficiente médio – e começa a atingir o contexto diante de líquida – coeficiente mais baixo entre os segmentos favorecedores. Essa análise não somente confirma, do ponto de vista inferencial, o que sugerem Cunha e Sales (2020), como permite visualizar uma hierarquia dentro do grupo das obstruintes /t, d/, sendo a desvozeada a mais favorecedora.

¹⁹ A título de exemplo, o peso relativo de /t/, sem a limitação de três dígitos, é 0.9999999996 e o de /l/ é 0.9999966498.

Em adição a isso, uma segunda rodada realizada somente com dados de Natal selecionou, como segmentos seguintes favorecedores ($p = 1.39e-93$), apenas /t, d, n/, com os respectivos *loggods*: 22.580, 20.858 e 17.751. Ao segmento /l/, nessa rodada, foi atribuído o coeficiente -5.973. Duas conclusões relevantes emergem da comparação entre as rodadas, a conjunta – com dados de Natal e de São José de Mipibu – e a individual – apenas com dados de Natal. A primeira diz respeito à relevância da nasal como gatilho do processo dissimilatório. Diferentemente do que é constatado no corpus analisado por Cunha e Silva (2019), em que a palatalização diante de /n/ parece ser incipiente, a ampliação posterior de dados, apresentada neste artigo, demonstra produtividade da nasal como gatilho na fala natalense. Evidenciamos, ainda, que a palatalização de /S/ diante de consoante líquida não é produtiva nos dados de Natal, uma vez que não há nenhum registro nos dados – isto é, embora o processo dissimilatório envolva a sequência de segmentos coronais, essa classe natural não demonstra ser atingida de modo uniforme, mas gradiente.

Quanto ao caráter sociocultural da análise, os resultados da variável *faixa etária*, dispostos na Tabela 2, evidenciam, de modo geral, o processo de mudança em andamento da palatalização de /S/, considerando o registro tanto da fala de pessoas mais jovens quanto de pessoas mais velhas – numa análise de tempo aparente. Os resultados do teste de regressão para a variável *faixa etária* indicam favorecimento pelo grupo mais jovem (peso relativo 0.683) em oposição ao desfavorecimento pelo grupo mais velho (0.317), distribuição que indica o conservadorismo de produções alveolares.

Tabela 2: Resultados da variável faixa etária nas duas comunidades

Faixa etária	Tokens	Índice de palatalização	Loggods	Peso relativo
18 a 40 anos	479	29.9%	0.765	0.683
> 40 anos	419	31%	-0.765	0.317
$p = 0.0337$, log likelihood = -50.597, AICc = 133.812, R2 = 0.982				

Fonte: Elaboração própria (2023).

A Tabela 3 permite focalizar, nas duas comunidades, a realização de palatalização ou não diante de /n/.

Tabela 3: Frequências e índices de palatalização diante de /n/ por faixa etária nas duas comunidades

Faixa etária	Segmento antecedente a /n/				Total
	[ʒ]		[z]		
	Frequência	Índice	Frequência	Índice	
18 a 40 anos	22	81.48%	5	18.52%	27
> 40 anos	10	47.62%	11	52.38%	21

Fonte: Elaboração própria (2023).

No conjunto das realizações das duas comunidades, a palatalização frente ao /n/, embora inovadora, já apresenta produtividade, visto que, no comparativo das faixas etárias, do total de 32 dados, há 22 ocorrências de palatalizada na fala dos jovens para 10 ocorrências na fala dos mais velhos, enquanto a produção de [z] diante de /n/ demonstra um número de ocorrências maior na fala dos mais velhos – 11 registros para os mais velhos e 5 para os mais jovens. Esse resultado parcial, junto à consoante /n/, transparece o resultado geral da Tabela 3, pois é mais uma

confirmação de que o processo de palatalização é mais corrente na fala dos mais jovens. Nesse momento, pontuamos o /n/ como contexto favorecedor – porque /t, d/ já são tidos como gatilhos categóricos, enquanto /l/ é excluído pelo baixo índice de ocorrências de palatalização, no conjunto geral dos dados, conforme a Tabela 1.

4.2 Natal (1986, 1991) em comparação com Grande Natal (2019)

Em relação aos resultados de Pessoa (1986), nossos resultados, assim como os de Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020, evidenciam o avanço da palatalização de /S/ especialmente na fala natalense, comunidade focalizada pela autora. Pessoa (1986) identifica os contextos seguintes a /S/, caracterizados pela presença de /t/ e /d/ como de considerável variação. Seus resultados apontam, no conjunto de ocorrências, 66% de palatalização diante dessas consoantes em ambiente interno à própria palavra e 46% em contexto de juntura. Nossa análise, por outro lado, além de não identificar o ambiente de juntura – ou não – como relevante para a palatalização, aponta para a quase categoricidade de produções palatalizadas diante de obstruintes coronais, conforme já evidenciado.

A palatalização diante de /n, l/, nos dados de Pessoa (1986), é ainda mais restrita do que diante de obstruintes, pois corresponde, em conjunto, a apenas 14% dos dados, além de ser condicionada a ambiente de juntura. Em nossos dados, realizações palatalizadas diante de /l/ também são pouco produtivas, correspondendo a apenas 2.4% do total de dados de /S/ seguido da líquida, além de ser registrada apenas na comunidade de São José de Mipibu²⁰. Diante de /n/, porém, identificamos alto índice de palatalização nas duas comunidades: 66.7% dos dados de sequência /S/ + /n/ são palatalizados, o que torna bastante explícito o avanço do processo (cf. Tabela 1).

Além disso, segundo Pessoa (1991), a palatalização diante de /l/ tem uma leve preponderância em comparação com o /n/, cuja diferença percentual foi de 2%. No entanto, nas amostragens de cerca de 30 anos depois, efetivamente, a palatalização se mostra mais consistente diante de /n/, confirmando a gradação da aplicação do processo, conforme explicitado na Tabela 4²¹.

Tabela 4: índices de palatalização em 1986 e em 2019 por ambiente

Intrapalavra			Interpalavras		
Contexto seguinte	1986	2019	Contexto seguinte	1986	2019
/t/	67%	99%	/t/	61%	100%
/d/	66%	100%	/d/	53%	95%
/n/	0%	67%	/n/	11%	67%
/l/	0%	3%	/l/	13%	0%

Fonte: Elaboração própria (2023).

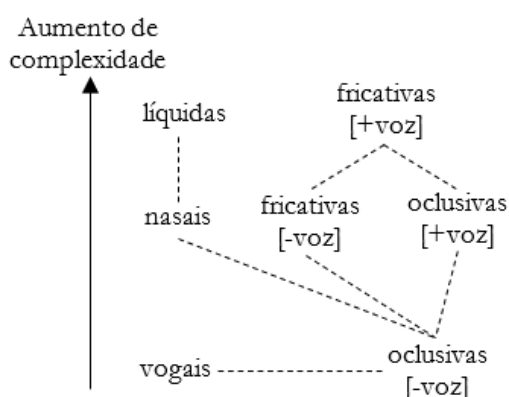
5 Correlato entre ampliação de segmentos envolvidos no processo de palatalização e aquisição de segmentos da língua

²⁰ Não se invalida a possibilidade dessa aparente baixa produtividade ser motivada por limitação dos corpora.

²¹ Lembramos que realizações palatais diante de /n, l/ só são registradas por Pessoa (1991) em ambiente interpalavras.

A palatalização de /S/ no RN envolve a vizinhança com as consoantes /t, d, n, l/ em *onset* da sílaba seguinte. Sabemos, com base em comparação dos resultados de pesquisas – Pessoa (1986, 1991); Cunha e Silva (2019); Cunha e Sales (2020) e o novo conjunto de dados de Natal (gravados em 2019) –, que o processo primeiro envolveu como gatilho a oclusiva /t/, estendeu-se para a vozeada /d/ e, posteriormente, atingiu a consoante nasal /n/, para enfim estar alcançando a lateral /l/. Propomos, em desdobramento, um correlato dessa ampliação dos segmentos envolvidos no processo fonético-fonológico com a sequência de segmentos adquiridos no momento inicial da aquisição da língua materna. Anderson e Ewen (2009 [1987], p.169) demonstram a hierarquia de complexidade dos sons, conforme a Figura 1, formulada pelos autores com base em Jakobson (1968).

Figura 1: Hierarquia de complexidade dos sons



Fonte: adaptado de Anderson e Ewen (2009 [1987], p.169)

O fato de /t/ ser o primeiro envolvido no processo está em consonância com o fato de ser um representante fonético das consoantes oclusivas desvozeadas, grupo que, juntamente com as vogais, participam da primeira grande oposição segmental identificada pelas crianças, conforme Jakobson (1968). Do ponto de vista articulatório, o contraste representativo entre vogais e oclusivas se estabelece por as primeiras serem produzidas sem qualquer impedimento da corrente de ar, enquanto as segundas apresentam o maior grau de obstrução dentre as realizações consonantais. Além disso, as vogais, quando produzidas naturalmente, são sempre vozeadas e as oclusivas que se apresentam comumente nas línguas naturais são desvozeadas, não impedindo, no entanto, a ocorrência de vozeadas. Se são encontradas oclusivas vozeadas em um determinado sistema, há de se encontrar as desvozeadas – o contrário, no entanto, não se estabelece. Nesse sentido, a percepção da criança, segundo Jakobson (1968), para diferenciar vogais e oclusivas, envolve obstrução e vozeamento.

Pelo que já mencionamos, se observa que, para as consoantes, o caráter desvozeado é adquirido antes do vozeado na fase de aquisição do sistema. Tendo isso em vista, faz sentido a oclusiva vozeada /d/ ter se envolvido na sequência imediata do avanço do processo de variação.

Após aplicação do processo às oclusivas, há o envolvimento da nasal /n/, que pertence ao segundo grupo na escala de sonoridade de Clements e Hume (1995). Articulatoriamente, considerando a cavidade oral, oclusivas e nasais apresentam o mesmo grau de interrupção da corrente de ar. Por isso, há linguistas que subagrupam as oclusivas em oclusivas orais e oclusivas nasais (cf. Ladefoged, 1975, p. 8). A distinção se estabelece pela produção de uma nasal envolver o abaixamento do velum, promovendo bom fluxo de ar pelo canal nasal. Com relação à aquisição da linguagem, as crianças adquirem as nasais após a aquisição das oclusivas. Isso acontece porque a aquisição de nasais envolve um avanço com relação ao caráter articulatório dos segmentos da língua, pois a produção de uma nasal é mais complexa do que a de uma oclusiva, tendo em vista a

participação do abaixamento do velum atrelada à oclusão oral. Logo, é razoável que o terceiro segmento a promover a palatalização seja nasal.

O /l/ é o último segmento a participar do processo, também fazendo um paralelo com a aquisição da linguagem, pois é um representante do grupo das líquidas – um dos últimos grupos de consoantes a serem adquiridas pelas crianças. Como as líquidas se caracterizam por um grau de obstrução mínimo, acabam se aproximando articulatoriamente das vogais. O baixo grau de distinção articulatória entre elas leva ao adiamento de suas produções pelas crianças, visto que elas atentam mais, na fase inicial de aquisição, para as diferenciações mais contrastivas. Tal fato condiz com a interpretação de Jakobson (1968, p. 90), ao mencionar que, por líquidas acoplarem traços tanto de vogais quanto de consoantes, elas se tornam segmentos muito mais complexos. Em decorrência disso, Jakobson afirma que esse é o tipo de segmento menos encontrável nas línguas naturais. Logo, devido a sua complexidade articulatória, entende-se por que o /l/ é o último segmento a integrar o processo de palatalização de /S/.

Nas comunidades linguísticas observadas, em que a variável *contexto seguinte* se mostra relevante, a manifestação da palatalização, em primeiro plano, foi aplicada ao /t/ e, na sequência, se estendeu ao /d/, ou ainda, envolveu inicialmente consoantes oclusivas /t, d/ (Scherre e Macedo, 1991; Motta e Rollemberg, 1994; Hora, 1999). Por fim, de forma evidentemente flutuante, a palatalização de /S/ está envolvendo o /n/ e o /l/ no RN.

Considerando, sobretudo, a variação no RN, verifica-se que os segmentos condicionadores do processo podem ser arranjados em graus de sonoridade diversos e tomados em gradação quanto à participação efetiva no processo – partindo dos segmentos mais consonantais até chegar aos menos consonantais. A partir dessa formulação, os segmentos /t/ e /d/ – aqui identificados como oclusivos – integram o grupo das obstruintes; /n/, o grupo das nasais e /l/, o grupo das líquidas. Seguindo a ordem crescente do grau de sonoridade e a aplicação escalonada dos segmentos envolvidos no processo, os primeiros a serem atingidos pertencem ao grupo de grau de sonoridade 0 e o último a ser atingido pertence ao grupo de grau de sonoridade 2, o mais aproximado dos vocóides, de grau de sonoridade 3.

Dessa forma, a participação primeira de segmento obstruinte, seguida de nasal e, por último, de líquido explicita a gradação de sonoridade dos gatilhos do processo – conforme já observado por Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020) –, que, em correlato com o ordenamento de sons adquiridos na fase de aquisição da linguagem, mostra também uma gradação de complexidade dos segmentos que atuam como gatilhos da palatalização de /S/.

Conclusão

Este artigo reavaliou, quantitativamente, resultados de análise qualitativa das formas palatalizadas de /S/ em Natal e em São José de Mipibu (Autor, Ano; Autor, Ano), cujas interpretações determinaram o processo dissimilatório entre /S/ e consoantes coronais no *onset* seguinte.

Em comum com pesquisas anteriores (Pessoa, 1986, 1991; Cunha e Silva, 2019; e Cunha e Sales, 2020), esta análise concluiu que há um avanço gradual no processo dissimilatório de /S/, estando em estágio avançado diante de /t, d/ – com uso categórico das palatais; em estágio intermediário diante de /n/ – com flutuação entre [z] e [ʒ], predominando a palatal (66.7%); e, de modo incipiente, diante de /l/ (2.4%).

Esta análise acrescenta, às pesquisas anteriores, os resultados estatísticos relativos ao fator linguístico *contexto seguinte* e ao fator sociocultural *idade*. Quanto ao último, dentre os subagrupamentos mais jovens (18 a 40 anos) e mais velhos (acima de 41), foi identificado que todos palatalizam diante de /t, d/, mas, diante de /n, l/, formas palatalizadas são mais encontráveis na fala dos mais jovens.

Quanto à distribuição das variantes com o passar do tempo, as pesquisas posteriores à de Pessoa possibilitaram a ampliação do perfil de falantes do RN e a observação de mais segmentos envolvidos no processo de palatalização. Como resultado dessa comparação, há indicação de que a palatalização não se restringe à fala de mulheres jovens. No estágio atual de uso das variantes palatalizadas na comunidade, parece haver uma preponderância do condicionamento linguístico em detrimento do social.

Por fim, considerando as comunidades de fala cuja palatalização de /S/ envolve o contexto seguinte, propomos uma correlação entre os segmentos que engatilham o processo – e que, gradativamente, integram-no – e a gradação de sonoridade e de complexidade articulatória dos segmentos adquiridos na aquisição de fala.

Referências

ANDERSON, John Mathieson; EWEN, Colin. *Principles of dependency phonology*. New York: Cambridge University Press, 2009 [1987].

BRESCANCINI, Claudia. A palatalização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais. *Working Papers em Linguística*, v. 16, n. 1, p. 75-97, 2015.

CLEMENTS, George; HUME, Elizabeth. *The internal organization of speech and sound*. In: GOLDSMITH, John Anton. (org). *The handbook of phonological theory*. Blackwell Publisher: Cambridge, Massachusetts. 1 ed. 1995.

CUNHA, Carla Maria; SALES, Gabriel. Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibu-RN. *Revista do GELNE*, v. 22, n. 2, p. 78-92, 2020.

CUNHA, Carla Maria; SILVA, Priscila Sheila. A palatalização do /S/ em coda em registro de fala natalense. In: HORA, Dermeval da *et al* (org.). *Estudos Linguísticos (teorias e aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL* (pp. 45-62). São Paulo: Terracota Editora, 2019.

GOMES, Christina Abreu. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul/Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática? *Revista do GELNE*, v. 14, n. 1/2, 257-272, 2016.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Tavares de. La prononciation du s post-vocalique: deux processus de changement linguistique en portugais. *Variation Omnibus: Linguistic Research*, p. 135-140, 1981.

HORA, Dermeval. Processo de palatalização das fricativas na língua portuguesa. *Revista do GELNE*, v. 1, n. 2, 34-36, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Child language aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton Publishers, 1968.

JOHNSON, Daniel Ezra. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, 359-383, 2009.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Massachusetts: Wiley-blackwell, 1994.
- LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.
- LEVSHINA, Natalia. *How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- MACEDO, Sandra Siqueira. *A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense*. 100 f. Dissertação de mestrado – UFPE. Recife, 2004.
- MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015 [1970].
- MONTEIRO, José de Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOTA, Jacyra Andrade. Consoantes constrictivas implosivas e vogais pretônicas no Nordeste. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n.15, 233-237, 1994.
- PESSOA, Maria Angélica. O s pós-vocálico na fala de Natal. *I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.
- PESSOA, Maria Angélica. A pronúncia natalense: o -s pós-vocálico. *Revista vivência (UFRN)*, v. 4, n. 3, 7-21, 1991.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. Versão 4.1.0. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 07 out. 2021.
- RODRIGUES, Milton da Silva. *Dicionário brasileiro de estatística*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970.
- SCHERRE, Maria Marta; MACEDO, Alzira Tavares. Variação e mudança: o caso do s pós-vocálico. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 11, n. 1, 165-180, 1991.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1983.

Submetido em 08/01/2024

Aceito em 22/02/2024